

# Revolução

SIDERURGIA  
LUTA CONTRA O CAPITALISMO

## SOLDADO PARA ONDE VAIS?

INCORPORAÇÃO MILITAR-PÁG. 3



**CHILE**

**PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO · BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS**



## PARTICIPAÇÃO DOS LEITORES

Já há bastante tempo que sou leitor assíduo do jornal "Revolução", onde me tenho apercebido das mais diversas lutas levadas a cabo por camaradas nossos nos seus locais de trabalho, contra os capitalistas que querem por tudo continuar a explorar-nos, numa altura em que o sector económico continua integralmente em seu poder, mediante uma política extraordinariamente complicada, e que, segundo o meu pensar, tal como vós, só a consciencialização e a organização autónoma dos trabalhadores até à Revolução Socialista, acabará com tal situação.

Quiz o destino que eu nascesse, crescesse e vegete numa região altamente reaccionária onde os trabalhadores que vivem mais miseravelmente são reaccionários por ignorância, com medo dos patrões, por várias razões: por servilismo religioso e ainda por causa de partidos que se dizem defensores dos interesses dos trabalhadores, que devido à nula consciência política e má organização dos trabalhadores, conquistam explorados gozando e abusando da sua humildade e debilidade em todos os aspectos. Sinto o mais orgulhoso prazer em ter nascido revolucionário numa região tão reaccionária e em quase total decomposição. É difícil ser revolucionário nesta região, mas mais difícil ainda é demonstrar que se é revolucionário nesta mesma região.

Os trabalhadores têm medo de se organizar não só com medo dos patrões, mas mais especialmente por ignorarem a força que

representam unidos e organizados. Há necessidade de muito fazermos para consciencializar e organizar os trabalhadores, mas até ao 25 de Abril, nada se fez porque vivíamos no fascismo (Governo do Capital). Tudo continua na mesma no distrito de Viseu e em especial no conselho de Satão. São os patrões (que sempre exploraram desenfreadamente os trabalhadores) que continuam à frente dos locais públicos considerados chave, conseguindo-o à custa de desavergonhado encapotamento democrático ou filiações partidárias de tendência fascista. São os referidos patrões e donos políticos desta região, que teóricamente arotam democracia por todos os poros, mas que na prática escravizam e roubam os trabalhadores. Descem ainda à pouca vergonha de dizer que matam a fome aos seus trabalhadores e familiares. Esquecem-se entretanto, de que são os trabalhadores que produzem para a sua existência. Apontem-me em Viseu e especialmente no Satão os explorados em posição de destaque nos ditos locais chave!

Agora, camaradas, vou-vos contar mais um caso insólito que se passou nesta vila, que tem como protagonista o vice-presidente da Câmara até ao 25 de Abril e delegado escolar até há poucos dias. Trata-se do Prof. Carlos Beirão, primo dos já falados Xavieres que pela força do destino saiu fascista como os Xavieres e que, como a eles, lhe está a custar abandonar os "tachos", ainda que para o efeito se tenha de valer das

maiores vigarices. Senão vejamos um decreto-lei proibiu que todas as pessoas ligadas por laços íntimos ao regime anterior, exercessem funções de destaque neste regime provisório. O referido Carlos Fabião foi atingido, porque indivíduos do anterior regime "ousaram servir-se do seu nome para o inscreverem onde lhes apeteceu", como ele diz.

Como via fugir-lhe a Delegação Escolar do Conselho (pois o professor primário nestas condições não dá aulas), ao proceder-se à elaboração de listas para novo delegado, teve a preocupação de colocar a sua esposa em várias listas e fazer a propaganda que se impunha, não viesse outro diabo furar o negócio. Até este momento nada há de extraordinário. Acrescentemos apenas que também outras pessoas fizeram propaganda vergonhosa para se candidatarem, tendo até exibido defeitos físicos para o conseguirem, o que é miseravelmente criticável.

Elaboraram-se as listas e marcou-se o dia para as eleições nas quais, segundo o decreto-lei, a matéria de estar patente aos votantes durante 12 horas, a menos que antes do horário estipulado se verificasse a votação completa. Ao aproximar-se a hora do almoço faltavam ainda alguns professores entregarem o seu voto e encontravam-se no local das eleições, além de três professores encarregados de fiscalizar a urna, o ex-delegado e sua esposa, possivelmente para defenderem a inviolabilidade da urna e por conseguinte possíveis alterações à

legalidade. Porém, com recibo de que a sua mulher viesse a ser afastada da Presidência da Delegação Escolar, o Carlos Beirão não resistiu à tentação e abre a urna pedindo aos colegas fiscais à urna para se proceder à contagem, dizendo que não havia mal nenhum e que era apenas para se saber quem é que estava a ganhar e que depois, sem que ninguém extra soubesse, se voltaria de novo a fechar.

Verificou-se então, através de registo feito no quadro, que a esposa do Beirão perdia por um voto, na altura em que faltavam três pessoas votar. Na contagem final a esposa do Beirão ganhava por dois votos. Como é que se veio a saber isto? Os parvos esqueceram-se de apagar os risquinhos que correspondiam aos votos que tinham anotado no quadro. Quando um dos últimos votantes veio cumprir a sua obrigação causou-lhe certa espécie todos os risquinhos feitos no quadro e ao falar para outros colegas sobre o que via, foi informado que tinha havido vigarice. Logo de seguida o Director Escolar teve conhecimento e supõe-se que o Governador Civil também foi conhecedor. Não sabemos neste momento se tudo estará a ser abafado ou não, mas nós não admitimos burias deste tamanho e queremos realçar o desespero das pessoas que a pouco e pouco vão perdendo os "tachos", jogarem tudo nos seus familiares e amigos.

O camarada

N. G. — Satão

## COMÍCIOS-DEBATES DO PRP-BR

Realizou-se em Oeiras, nos Bombeiros Voluntários, um comício do PRP-BR. Falou em primeiro lugar o camarada Tomás Melo da Fonseca que focou as partes essenciais que levaram à criação das Brigadas Revolucionárias em 1970 e em 1973 à criação do PRP formalmente. Salientou também a posição deste perante o 25 de Abril e face à actual situação.

Em seguida falou o camarada Fernando, da organização dos jovens, que focou os problemas dos jovens trabalhadores que, numa sociedade capitalista, fazem parte de uma máquina ao serviço do capital. Frisou a necessidade duma organização autónoma dos jovens, que devem desenvolver lutas nos locais de trabalho, nas fábricas, escolas, quartéis, sempre com uma perspectiva revolucionária, sabendo que só numa sociedade socialista os seus problemas serão resolvidos: devem lutar contra a estrutura militar hierárquica, fazendo compreender aos soldados que eles são trabalhadores fardados e que terão um papel decisivo durante a revolução socialista; lutar por um ensino para os trabalhadores, o que só será possível

numa sociedade capitalista, lutar para que nos tempos livres possam adquirir a sua cultura.

Falou também o camarada Campos, na necessidade de organização autónoma dos trabalhadores, focando a necessidade do aparecimento das comissões de trabalhadores, que devem ser eleitas pelos próprios trabalhadores, independentemente dos partidos, devendo os representantes escolhidos serem substituídos quando não corresponderem aos interesses dos trabalhadores nos casos concretos de luta, deve haver unidade de base na acção e nunca unidade de cúpula.

Há que perspectivar e coordenar as lutas e daí a necessidade dum partido. Mas esse partido tem de ser controlado pelas massas; o facto das cúpulas poderem ser demitidas cria condições objectivas da ditadura da classe sobre o partido e não do partido sobre a classe.

Por último falou novamente o camarada Tomás da Fonseca que fez uma análise da situação portuguesa e internacional, a apresentando como única solução para a actual crise a via socialista.

Seguiu-se debate com grande participação dos presentes.

Em Algés, realizou-se também uma secção de esclarecimento do PRP-BR, em que representaram o partido os camaradas Crespo e Pedro Goulart da Comissão Política e o camarada Cipriano da Org. Regional de Lisboa.

Fez-se a história do Partido, salientando-se as acções das Brigadas Revolucionárias e fazendo-se referência à prática dos camaradas dos sectores de luta, que tornaram necessária a criação do Partido. Foi dado especial relevo ao trabalho dos militantes operários no sentido da organização autónoma do proletariado. No debate foi precisada a análise da situação actual pelo Partido, a linha do Partido e as causas da nossa palavra de ordem:

Uma só solução — Revolução Socialista.

Na Marinha Grande, realizou-se também um comício-debate, organizado por um grupo de trabalhadores, que lamentou a convidado vários partidos: PCP, PS, LUAR e PRP-BR. Destes, apenas o PRP-BR compareceu. A abertura do comício-debate foi feita por um representante da comissão de trabalhadores, que lamentou a

ausência dos outros partidos, negando-se assim a um debate ideológico frente à classe operária.

Pelo PRP-BR falou um camarada do núcleo da Marinha Grande que referiu a necessidade da organização autónoma da classe operária e referiu-se às comissões de trabalhadores eleitas em assembleia geral como legítimas representantes da classe, nunca devendo estar controladas por partidos. Apontou a revolução socialista como única solução e que esta só pel violência poderia derrubar o poder capitalista.

Falou em seguida o camarada Ernesto da Org. Sindical de Lisboa do Partido que informou a assembleia sobre a proposta de organização sindical preconizada pelo partido, organização baseada nas assembleias de empresa como órgãos máximos de decisão dos trabalhadores.

Por último falou o camarada Carlos Antunes, que definiu as principais linhas do partido abrindo assim um debate.

Comissão e Imprensa — Marinha B. C. — Distrib. — Imprensa

# Revolução

Porta-Voz do PARTIDO  
REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO  
BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS



# Revolução



# SOLDADO PARA ONDE VAIS?

Neste 13 de Janeiro assistimos a mais uma entrada de milhares de jovens trabalhadores para o exército, possivelmente não haverá o número habitual de refractários, pois as guerras coloniais estão quase terminadas e as forças armadas apresentam outra cara neste país.

As F.A. aparecem hoje "prestigiadas" aos olhos da população e tem-se delas uma "imagem libertadora" através de livros, jornais, cartazes, comícios e campanha de dinamização.

Mas há factos que pouco e pouco têm ficado encravados na memória, e uns cravos vermelhos têm murchado, apesar de constantemente regados pelo fremente apelo que alguns fazem à unidade entre o "Povo e as Forças Armadas".

De facto um exército que desencadeou um processo que poderá vir a ser revolucionário e que tantas vezes tem recuado para o travar, levanta montes de questões que não podem ser abafadas, pois tais fenómenos episódicos têm uma explicação.

-Será que o exército hoje em Portugal já não é um aparelho repressivo da burguesia para impor os seus interesses às massas trabalhadoras?

-Será que o exército hoje já não é aquela máquina aviltante e esmagadora que reproduz na sua forma mais brutal as relações sociais de exploração de tipo capitalista, pelos seus métodos embrutecedores, pela sua disciplina altamente hierarquizada, pela ausência de discussão e de participação?

-Porque recorrem os regimes a tais formas organizadas de defesa armada, num exército classista, não possibilitando o armamento das massas trabalhadoras para que elas ponham fim à exploração de que são vítimas, mas servem - se dos jovens - os soldados - para imporem determinada ordem pública?

-Será um exército deste tipo que se baterá pela vitória dos trabalhadores e poderá assegurar a defesa contra os ataques estrangeiros?

E uma cascata de questões, cada vez mais radicais nos inunda, mas ficamos por aqui deixando ao leitor campo aberto para continuar a questionar o exército.

Mas esta entrada no exército de mais estes jovens trabalhadores que participaram em muitas lutas depois do 25 de Abril que certamente muitos deles fizeram parte de comissões de trabalhadores e que na sua maioria participaram em

assembleias gerais de trabalhadores, encontrando aí uma forma organizativa onde se habituaram a discutir e a decidir, continuam a ser para nós uma grande interrogação? Como poderão eles "incorporar-se" nesta organização da defesa armada, que é o exército, actual com a sua estrutura?

Muitos delés encontraram-se frente a frente com as F.A. nas lutas reivindicativas da classe e todos eles guardam na memória a intervenção no Jornal do Comércio, como a repressão que se preparava para reprimir os CTT em greve, como a repressão na TAP e o enorme cerco feito à Lisnave para impedir essa grande manifestação que a classe operária realizou.

E todos eles se lembram como todas estas intervenções mais cedo ou mais tarde vieram a fracassar diante dos trabalhadores organizados e retêm na sua parte da memória colectiva da classe

habituais de repressão a que o capitalismo, o reduz, sem uma repressão feroz, o que não faria senão aumentar as contradições que já hoje o atravessam. E tal situação não é devido à vontade de alguns dos seus elementos progressistas ao quererem prosseguir o processo de "democratização" nas Forças Armadas, mas é principalmte produzida pelas condições objectivas em que se encontra o exército que foi ele próprio tomado por um processo de auto-destruição: ou se integra dentro do processo histórico de emancipação dos trabalhadores e desaparecerá como aparelho repressivo da burguesia e será radicalmente transformado, pois a organização de defesa armada tem que ser também obra dos próprios trabalhadores, ou então tentará reagir contra tal processo e carnificinas coloniais.

Mas por muito que esta hipótese

Onde poderá hoje o exército encontrar justificação para exigir uma obediência cega à disciplina militar? O seu segredo autoritário foi desmantelado pelo próprio processo que ele desencadeou. Nem já hoje se poderá apoiar na tão proclamada unidade entre o povo e as F.A. pois este conceito mistificador que só poderá servir uma política reformista que conduz a um impasse, tem vindo a ser desmistificado na medida em que a crise agudiza e as posições de classe aparecem no seio do "povo" e do próprio M.F.A.

O Exército hoje também não pode retirar a sua autoridade do poder político, a que ele estaria ao serviço, pois hoje em Portugal, o poder político real está nas mãos do M.F.A. e os soldados sabem das tensões profundas que o atravessam e das posições de classe que a crise tem clarificado.

Poderá ainda o exército, como último recurso voltar-se para sua

bretudo em muitas reuniões de Unidade os soldados verificam as profundas divergências entre oficiais e encontram ainda comandos verdadeiramente reaccionários. E como a posição de classe dos soldados não desaparece com a "incorporação" no exército, daí as movimentações a que temos vindo a assistir nos quartéis, consideradas por uns como graves atentados à disciplina militar e por isso têm sido reprimidos e por outros como um autêntico esforço de participação no processo de "democratização".

Seria possível alargarmo-nos sobre várias páginas deste jornal a constatar factos deste género que confirmam o que aqui tem sido afirmado desde o 25 de Abril: nas F.A. há generais e há soldados, há burgueses e há trabalhadores; há portanto, nas F.A. interesses de classe irreconciliáveis. Mas mais do que isso nas F.A. há homens que são revolucionários e homens que são conservadores e reaccionários.

E o agudizar da crise a que temos vindo a assistir nestes últimos tempos levam-nos a lembrar o que afirmávamos no Manifesto logo a seguir ao 28 de Setembro: "a falta de coesão ideológica do próprio M.F.A. e a incapacidade governativa da coligação actual acentuar-se-á à medida que se agravar a agudização das contradições entre o poder político e o poder económico ao ponto de produzir roturas no bloco no poder, que na situação actual do capitalismo português poderá desencadear uma luta de classes armada".

Mas como no 28 de Setembro foi a conjugação da intervenção dos elementos progressistas do M.F.A. com os trabalhadores que saíram para a rua numa grande manifestação que impediu o regresso ao fascismo nãoesperando que tudo se tranquilizasse para se repôr o mito "apoio popular" à J.N.S. e ao M.F.A.; hoje também só a união dos elementos mais progressistas do M.F.A. com os soldados e todos os trabalhadores poderá assegurar que o processo desencadeado venha a ser a curto prazo revolucionário culminando com a vitória das massas trabalhadoras, única vitória possível para as Forças Armadas.

Se o 25 de Abril abriu possibilidades para um salto qualitativo na organização da classe operária - que o 28 de Setembro não conseguiu travar - hoje só a integração das F.A. no processo histórico de emancipação da classe operária poderá evitar um confronto.



**SOLDADO  
NO MUERAS POR  
LOS PATRONES.  
VIVE LUCHANDO  
JUNTO AL PUEBLO**

**SOLDADO  
DESOBEDECE  
A LOS OFICIALES  
QUE INCITAN  
AL GOLPE**

**MIR**

*"Reprimir hoje as lutas dos soldados ao seu esforço organizativo dentro dos quartéis é uma atitude reaccionária pois são eles a grande força que será capaz de se opôr à contra-revolução"*

operária, a imagem do exército de trabalhadores da Lisnave que rompe pelo meio das F.A. apontando o caminho à classe.

E a todos nós os factos nos têm levado à conclusão de que sempre que tais intervenções armadas se deram, na defesa duma política reformista, a organização revolucionária da classe operária lhes têm imposto uma derrota total.

Torna-se impossível hoje manter um exército com as suas funções

podesse ainda passar pela mente de alguns oficiais reaccionários que de fascistas passaram a "democratas" para guardarem ainda postes de comando; hoje certamente que os elementos mais progressistas do M.F.A. e sobretudo os soldados não o permitirão. Essa velha máquina repressiva que desde há séculos esmaga movimentos da revolta emancipadora, encontra-se hoje com peças fundamentais partidas.

estrutura interna, para aí encontrar justificação do seu dogma fundamental: a disciplina militar? Mas os soldados que não participam em eleições para os delegados nas estruturas decisivas, estão também ao corrente das tensões mais ou menos camufladas atravessam tais estruturas desde os Conselhos das Regiões até ao Conselho Superior do M.F.A.; passando pelo Conselho de Arma e pela Assembleia Geral do M. F.A. E so-



# SIDERURGIA

# LUTA CONTRA O CAPITALISMO

**SIDERURGIA NACIONAL:  
GRUPO CHAMPALLAUD  
LUCROS EM 1973 —  
— 392 000 000\$00**

Numa entrevista com a Comissão de trabalhadores, são-nos contados alguns factos da luta travada contra os intentos da administração em fazer distribuir pelos técnicos «envelopes mistério» que continham no total cerca de 4000 contos e que seriam a paga dos bons serviços por eles prestados ao capital.

**Revolução:** Como foi a vossa luta e qual foi o seu resultado?

**Comissão de Trab. —** Esta luta desde o início teve uma directriz: a luta dos trabalhadores contra o capitalismo. A luta que nós travamos e que foi vitoriosa, não foi uma luta dirigida só contra este ou aquele engenheiro propriamente pois não tinha uma luta a travar em relação a certas pessoas, mas sim em relação a certas classes. Portanto era uma luta travada contra as regalias que eram dadas à classe dos técnicos. Entre essas regalias estava considerado além do 13.º mês, um «14.º ou até um 15.º mês», através dos «envelopes mistérios».

Aos engenheiros, para além do subsídio de fábrica tinham esse tal envelope mistério que variava segundo o tempo de casa e a posição que tinham.

Em relação aos assistentes, estão isentos do horário de trabalho e têm um subsídio por essa isenção. Como tal não têm direito a receber as horas extraordinárias que façam, pois esse subsídio já cobre as horas extraordinárias, quer eles as façam, quer não.

Alegava a empresa que pelo facto de terem feito horas extraordinárias, eles tinham direito ao «envelope mistério». A comissão de trabalhadores e os trabalhadores entenderam que não havia justificação para isso, na medida em que isso era uma diferenciação de tratamento; porque se eles tinham direito a horas extraordinárias a empresa o que tinha a fazer era pagar essas horas e não oferecer-lhes o tal envelope, o que os faria até agachar-se e dizer muito obrigada.

Nós partimos para essa luta para que esta intenção da administração ficasse sem efeito, mas a administração recusou-se terminantemente a chegar a um acordo conosco. Então, os trabalhadores em plenário decidiram que eles teriam que abdicar. Se não abdicassem, partiríamos para uma luta mais profunda.

Como não abdicamos, nós decidimos em plenário que a partir de

uma determinada data os técnicos deixariam de ter influência directiva, na condição da fábrica, em relação a ordens, etc...

## SINDICATOS

**Revolução:** Para além da proveniência da maior parte dos trabalhadores de zonas onde a vida era pior, para além das manobras de divisão da classe aqui dentro provenientes, quer dos agentes do patronato, como por exemplo os engenheiros, quer da célula do PCP quando se trata de travar lutas que eles não controlam, pensamos que a estrutura sindical fascista que ainda aqui vigora, será também um dos factores que entravam as lutas.

Os camaradas já encetaram algum processo com o fim de modificar essa estrutura?

**Comissão de Trab. —** Na realidade há aqui na siderurgia cerca de 20 ou 21 sindicatos, embora desses haja 3 ou 4 que abrangem um número muito reduzido de trabalhadores.

Já houve eleições de delegados sindicais. Penso que seria para adoptarem uma linha vertical. Mas até à data, ainda não vimos nada de verticalidade neles, de maneira que

A Comissão de Trabalhadores ainda não alinha em relação aos delegados sindicais, porque na realidade, dentro da Siderurgia os únicos elementos que têm estado a trabalhar na verticalidade tem sido a Comissão de Trabalhadores.

Em relação aos sindicatos, eles têm estado a ser eleitos nalguns sectores. Houve sectores em que os delegados sindicais têm sido eleitos por 4 votos na totalidade, o que é ridículo.

**Revolução:** Isso mostra desinteresse da parte dos trabalhadores na eleição dos delegados sindicais. A que é que isso se deve?

**Comissão de Trab. —** É porque os operários reconhecem que aquela tentativa de unidade sindical preconizada pela Intersindical, que é uma unidade de meter tudo no mesmo saco, o que não pode ser, eles reconhecem que se não houver uma unidade real, isso é uma fraude. E por isso desinteressam-se. E depois aparecem aqueles lacaiozinhos, que os há em todo o lado e que vão lá pôr o seu voto. E é assim que aparecem os delegados sindicais eleitos por 4 votos.

Mas, note-se que nós não estamos contra os sindicatos, nem

contra os delegados sindicais. O que queremos é que eles trabalhem na verticalidade e não na horizontalidade.

Mas como até à data a sua actuação tem sido contrária ao interesse dos trabalhadores, é por isso que não alinhamos com eles.

Até já cá veio a Intersindical a nosso pedido, para explicar aos trabalhadores o que são sindicatos horizontais, sindicatos verticais, etc., embora nós já tivéssemos lançado um comunicado em que definíamos todos esses pontos.

Os trabalhadores, então, aderiram em pleno à comissão e não quiseram nada com os sindicatos, já conscientes que os sindicatos não estão a trabalhar na verticalidade.

**Revolução:** Sendo a Siderurgia uma empresa com um grande número de trabalhadores (cerca de quatro mil), os camaradas já pensaram na hipótese de constituir um sindicato de empresa?

**Comissão de Trab. —** No caminho que tudo isto leva, com esta unidade sindical, estamos convencidos que cada sindicato vai comportar um número de pessoas da ordem de 30 a 40 mil associados e nós seríamos uma gota de água no oceano.

É muito possível, e já aflorou na nossa cabeça a ideia de um sindicato único aqui, que aderirá ao Sindicato dos Metalúrgicos, visto que isto, é uma indústria metalomecânica. Isso ainda não acontece e nós debatemo-nos actualmente com um problema: ser a comissão a encetar o processo, ou serem os próprios sindicalistas a propor isso.

## OS OPERÁRIOS E OS OUTROS TRABALHADORES TOMAM A DIRECÇÃO E A GESTÃO DA FÁBRICA

Partimos então para esta luta e no dia em que se tinha marcado o prazo os engenheiros deixaram de ter influência na condução da fábrica.

A fábrica ficou entregue aos trabalhadores e à sua comissão de trabalhadores. Durante este período, aproximadamente 3 dias e meio, a produção da fábrica não baixou, antes pelo contrário, até conseguiu superar a produção normal. Quanto a este aumento de produção, esteve sempre presente na consciência dos trabalhadores, que isso na prática iria encher ainda um pouco mais os bolsos do Champallimaud. Embora isso estivesse sempre presente na nossa consciência o aumento de

produção da nossa parte surgiu, porque sentimos que do nosso apego ao trabalho, da nossa conduta durante os dias em que decorreu a luta poderia resultar a vitória ou a derrota.

Para além disto serve para provar aos trabalhadores o que vale o trabalhador e provar o que serão os trabalhadores numa futura sociedade socialista.

Nós tivemos essa prova, e até mesmo sem as pessoas estarem educadas do ponto de vista ideológico no sentido de trabalhar em favor da colectividade com todas as suas forças e energias.

Nós tivemos enfim a prova da consciência de classe e da força que essa classe tem quando trabalha para si.

E só depois dos técnicos terem verificado que a luta dos trabalhadores estava a ter êxito é que resolveram entrar na negociação.

Fomos ao Ministério do Trabalho para realizar negociações com eles. Nessa negociação, eles abdicaram dos envelopes, que era afinal o que nós os trabalhadores, queríamos. Quanto ao dinheiro de que eles foram obrigados a abdicar serviria para a construção duma obra social para todos os trabalhadores.

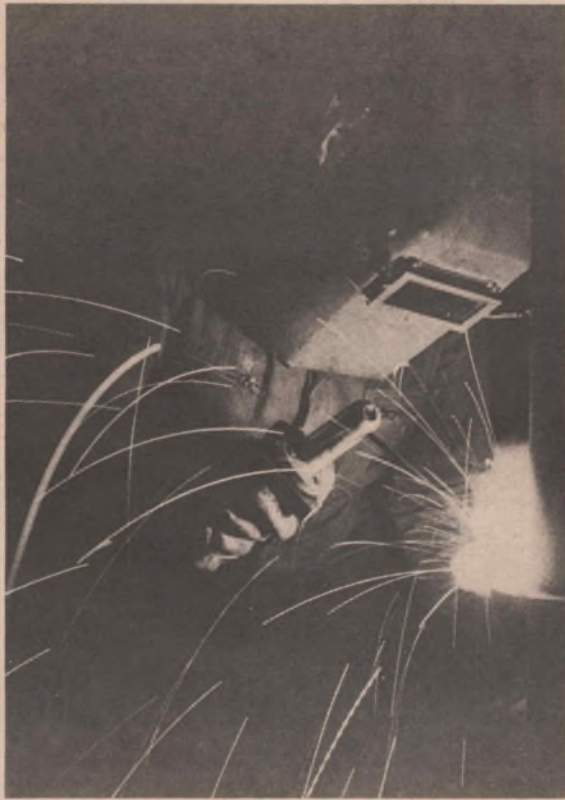
**Revolução:** No decorrer da luta, verificaram-se algumas tentativas de boicotar e de dividir os trabalhadores, por parte de organizações partidárias?

**Comissão de Trab. —** A luta foi fora da acção de qualquer partido político, não porque estejamos contra um partido político em particular, mas porque entendemos que não há neste momento um partido que defenda consequentemente a classe operária.

Na Siderurgia há células do P.C. e devem existir também do P.S. muito embora os P.S. nunca tivessem dado à luz nada. O P.C. com um comunicado no princípio tentou desmobilizá-la e durante ela, os indivíduos da célula tiveram acções desmobilizadoras. Por tudo isso e por tentativas de desmobilização que têm feito em lutas de outras fábricas, nós não acreditamos nesse partido.

Quanto à maioria de nós no dia em que existia em Portugal um Partido que defendia consequentemente a classe operária, um partido que defendia as suas lutas, um partido que lhe dê directivas justas e correctas, a malta enfia-se nele como peixe na água.

Voltando outra vez ao P.C. o P.C. perante a hierarquização das pessoas que o compõem aqui na Siderurgia, e não só, ele não pode estar de modo nenhum ao lado da luta dos trabalhadores.





# GRÃO-PARÁ

## 1300 TRABALHADORES EM LUTA PELA GARANTIA DO TRABALHO

Esta luta dos trabalhadores da Siderurgia foi uma luta política, com um conteúdo já avançado, na medida em que punha em causa a luta de classes, que tem de existir, e que o Partido Comunista tenta camuflar.

Mas na prática, todos os camaradas que ainda estão ligados ao Partido Comunista, que de comunista só tem o nome, a sua consciência de classe vem ao de cima e é um facto que a solidariedade operária aparece e aparece da forma como apareceu aqui.

### MUDANÇAS DE TÁCTICA DOS REFORMISTAS

**Revolução:** Tal como nodocorrer das lutas do CTT, da Lisnave, da TAP, etc.,..., também aqui o P.C. foi desmascarado perante os trabalhadores. Poderão talvez os reformistas começar a utilizar uma nova táctica, com o fim de captar novamente a simpatia e a adesão dos operários, para de novo os voltar a dominar e a encaminhar para uma política de reformas e de reconciliação com o capital?

**Comissão de Trab. —** Com certeza. A táctica deles vai fatalmente mudar porque eles sentem que dia a dia perdem a força no seio da classe, que no fundo é a classe que os mantém, porque amanhã quando tiverem só o apoio da pequena e da média burguesia, esses tipos não estão para aturar foices e martelos e poderão ter o Alvaro Cunhal, mas é com uma cruz. E nesse aspecto a gente julga estar precavidos contra as suas mudanças de táctica e com capacidade para responder a esses ataques.

A nível individual até conseguimos já derrubar a popularidade que as pessoas componentes da célula gozavam aqui dentro.

Os 1300 trabalhadores do grupo empresarial Grão-pará constituído pelas empresas:

- MATUR - Sociedade de Empreendimentos Turísticos da Madeira, SARL.

- INTER-HOTEL - Sociedade Portuguesa de Motéis, SARL.

- ORLANO - Organização de Planeamentos Técnicos de Construção, Lda.

- ROTA DO ATLÂNTICO - Agência de Viagens e Turismo.

- EDEC - Edificações Económicas, SARL.

- AUTODRIL - Sociedade do Autódromo do Estoril, SARL.

- COMPORTUR - Companhia Portuguesa de Urbanização e Turismo SARL.

continuum a luta pela garantia do trabalho.

Os administradores Fernanda Pires da Silva, Abel Saturnino da Silva de Moura Pinheiro e o adjunto da administração José da Silva Marques tentaram após o 25 de Abril, aproveitando-se da realização duma exposição e da criação de sociedades como a Inter-hotel Lusó Brasileira SARL e a Grão-Pará Lusó Brasileira SA enviar valores das sociedades para o estrangeiro tentando, paralelamente provocar o aprofundamento e progressiva extinção das empresas do Grupo com consequente despedimento de trabalhadores -segundo afirma um comunicado da comissão de trabalhadores.

Denuncia também esse comunicado, e de antes do 25 de Abril, a colaboração da administração com a Pide-DGS quer por troca de informações - em que indicaram àquela polícia alguns trabalhadores acusando-os de serem elementos "subversivos" - quer contratando "vigilantes" da empresa e dos trabalhadores que não eram mais do que elementos da Pide-DGS.

Travam os trabalhadores uma luta contra o desemprego pois os administradores abandonaram a empresa e partiram para o estrangeiro alegando estarem a ser submetidos a sabotagem económica por parte do Banco Nacional Ultramarino, pelo que não deixaram possibilidade de

pagamento do 13.º mês. Em consequência disto decidiram os trabalhadores ocupar os locais de trabalho tendo na Matur conseguido "um índice de ocupação de 90% com manifesta competência hoteleira".

Trata-se de salvaguardar o pagamento dos salários e créditos existentes - entre os quais o mais importante é o do Estado - e de evitar a continuação da saída de documentos e de valores. De salientar também a abertura de unidades da indústria hoteleira encerradas pela administração que continuam em plena laboração.

Neste momento uma comissão de inquérito nomeada por três secretários de Estado procede a averiguações. Entretanto, e enquanto não se chega a conclusões com uma solução que satisfaça os interesses dos trabalhadores estes mantêm-se em ocupação dos locais de trabalho com laboração em alguns deles.

No entanto, e quanto às possíveis soluções da situação os trabalhadores já demonstraram no seu último comunicado que nem todas servem os seus interesses de classe. É assim que repudiam no seu último comunicado "qualquer forma de auto-gestão ou co-gestão que consideram totalmente descabida na estrutura económica vigente no país e que em última análise só beneficiam porque redundantes as administrações que até aqui pontificavam com uma eficiência conseguida à custa de um proteccionismo repressivo dos trabalhadores."

A única via que os trabalhadores deixam antever é, não só a solução para os seus problemas, como também para a economia em crise deste país e, consequentemente, a solução mais justa, tendo em conta os interesses de todos os trabalhadores: a nacionalização com gestão das empresas por parte dos trabalhadores. Quanto à gestão, estes já demonstraram variadíssimas vezes que são capazes de tomar em mãos o controle daquilo que produzem. Quanto às nacionalizações... há que fazer uma opção: ou por ou contra os trabalhadores.

## COMUNICADO A CLASSE OPERÁRIA, AOS TRABALHADORES DO DISTRITO DE EVORA

CAMARADAS:

O capitalismo português está a atravessar uma crise de tal gravidade, que lhe será muito difícil sair dela. Foram criadas pelo próprio capitalismo condições muito propícias ao processo revolucionário, que poderá levar, se os trabalhadores souberem organizarem-se nos seus locais de trabalho, à destruição, a curto prazo, de todo o sistema de exploração capitalista e à tomada do poder político pelos trabalhadores.

O Plano Económico-Social de Transição, que tanto tem feito correr os órgãos de poder, é uma tentativa mais ou menos desesperada para salvar o capitalismo agonizante. Esse plano pretende grandes reformas dentro do capitalismo e há já vários dias que o Conselho dos Vinte, o Governo Provisório e o MFA gastam maior parte do tempo a discutir o Plano Económico.

Uns a favor, outros contra, porque ninguém tem com seguido um processo eficaz de livrar o capitalismo de apodrecer de vez.

Aproxima-se rapidamente a altura que ninguém poderá continuar a pretender uma solução "democrática" e "socialista" continuando os capitalistas a mandar em tudo. Cada indivíduo, cada organização, cada partido, terá de escolher sem qualquer confusão, se é pelo capitalismo, o poder dos patrões, ou se é pelo socialismo, o poder dos trabalhadores.

No entanto, a organização dos trabalhadores nos seus locais de trabalho não é suficiente para o derrube completo do capitalismo. É fundamental um forte partido revolucionário, que saiba analisar a evolução da situação política e económica do país, e dê perspectivas aos trabalhadores com vista à revolução socialista e à instauração da ditadura do proletariado, isto é, os trabalhadores no poder político e económico.

Afim de informar e discutir os problemas expostos o Partido Revolucionário do Proletariado - Brigadas Revolucionárias (PRP-BR) convoca todos os trabalhadores do distrito de Évora a participar, nos comícios a realizar sábado, 11 às 20H e 30M na Câmara Velha, Viana do Alentejo.

Domingo, 12, às 21H no Teatro Garcia de Resende, Évora.

Pela Organização Autónoma dos Trabalhadores.

Pela Revolução Socialista.

Pela Ditadura do Proletariado.

Pelo Internacionalismo Proletário.

Viva o comunismo.

Évora, 8 de Janeiro de 1975.

Organização Regional do PRP-BR

# 3º CONGRESSO

## PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS

Prepara-se o 3.º Congresso do PRP-BR, cujo programa terá quatro secções fundamentais:

1. Análise e discussão da situação política actual.
2. Problemas de organização.
- Lutas.
3. Estatutos.
4. Bases para um Projecto Político Revolucionário.

No sentido de preparar o Congresso têm decorrido plenários de sector; assim, no fim da semana 4-5 decorreram os plenários da O.R. da Margem Sul, da O.R. de Lisboa e da O.R. do Norte. Nos próximos fins de semana realizar-se-ão os plenários do sector da Juventude e do sector sindical.

### SEDES

LISBOA — Rua do Arco do Carvalho, n.º 1, 5.º-Dt.º  
Tel. Jornal "Revolução" 68.2323  
Contacto Partido: 68.0950

PORTO — Rotunda da Boavista, n.º 76, 3.º-Esq.  
Tel. 695080

ÉVORA — Largo do Chão das Covas, 21  
Tel. 24998

ALGÉS — Rua Victor Duarte Pedroso, n.º 15 — Algés de Cima

**UMA SÓ SOLUÇÃO REVOLUÇÃO SOCIALISTA**

**PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS**



# BARRAGEM DA AGUIEIRA

Barragem da Agueira a construir pela Companhia Portuguesa de Electricidade, entre as Aldeias de Porto da Raiva (Penacova) Foz do Dão (Santa Coa Dão) - No Rio Mondego.

Depois de algumas exposições já terem percorrido variadíssimos gabinetes de Estado, antes e depois do 25 de Abril, depois dos habitantes de três aldeias de Santa Coa Dão terem esgotado todas as suas possibilidades no sentido de defenderem aquilo que é seu, muito justamente, depois de terem sido muito bem recebidos e ouvido boas promessas dos responsáveis pelos governos, depois de terem sido ameaçados com os aparelhos repressivos do Estado (Tribunal e Cadeia), algumas pessoas daquelas aldeias vivem momentos angustiados e de desespero. As outras infelizmente já foram obrigadas a ceder. Entre os conselhos de Penacova e Santa Comba Dão no rio Mondego, encontra-se em fase já adiantada de construção uma barragem com o nome de barragem de Agueira. São proprietários a Companhia Portuguesa de Electricidade (CPE). Esta barragem depois de construída e devidamente cheia de água submerge de entre campos agrícolas de sequeiro e regadio, três povoações a saber: Foz do Dão, "vereda e Senhora da Ribeira. O grande problema que se vem

arrastando de há muito tempo a esta parte, diz respeito à exploração dos terrenos e povoações a submergir, pela falta de honestidade de homens como o regente agrícola Barreto e outros, empregados da CPE. ao avaliarem tão miseravelmente as propriedades rústicas e urbanas, lançando na miséria tantas famílias de humildes trabalhadores, a favor de uma empresa para quem servilmente trabalham.

Revolução esteve em Foz do Dão a colher informações de alguns dos camponeses.

A senhora Aura Pinheiro disse-nos sem qualquer pergunta que lhe fosse feita: - *veja bem que vou ficar sem a minha casinha, onde nasceram os meus filhos todos, mas o pior é que os malandros só me dão 60.000\$00 por ela; está velha é verdade mas era lá que eu pensava morrer; e agora o que é que eu vou fazer com 60.000\$00? Onde é que eu arranjo uma casinha para onde ir viver o resto da minha vida? São uns malandros, são uns "malandros", atiram-nos todos para a miséria.*

Revolução: Então a senhora Aura aceitou os 60 contos?

Senhora Aura - *Fui obrigada a aceitar senão ainda me prendiam.*

Revolução: Quando a CPE resolveu construir a barragem deu-vos conhecimento?

António S. Matos (caço de

ordens).

*Não nos deu conhecimento mas nós logo desconfiamos do que se passava.*

Revolução: Qual foi o processo que eles utilizaram para avaliar as vossas casas e terras?

Senhor Matos - *Trouxeram pessoas ligadas à CPE e numa maioria empregados da empresa e foram aq uelas pessoas que avaliaram os vossos bens.*

Revolução: Foi nomeada por vocês uma comissão, para que em conjunto com os técnicos da CPE pudessem avaliar mais justamente os vossos bens?

Matos - *Não, não foi nomeada por nós nenhuma comissão, apenas chamaram para fazer parte da comissão de técnicos da CPE, um informador da Foz do Dão, que depois de manobrado faz inteiramente o jogo deles. Nós não re conhecemos num regente agrícola capacidade moral, por fazer o jogo do patrão e muito especialmente técnica para dar valor a casa de habitação.*

Revolução: Como agiram os trabalhadores com os valores atribuídos aos seus bens?

Sr. Alípio Duarte Ferreira (Moleiro) - *A maioria foram obrigados a aceitar (caso do Sr. José Carlos Matos que recebeu voz de prisão na sua propriedade por não querer aderir à venda), outros calaram-se porque são empregados*

*da CPE, com medo de ficarem sem emprego e uma minoria não aceitaram ainda qualquer importância, neste caso falaremos a seguir. O Sr. Alípio diz ainda - que se o 25 de Abril tivesse vindo 3 ou 4 anos antes, que a barragem nunca teria sido iniciada, sem que primeiro chegassem a um acordo de valores justos - a CPE e todos os prejudicados.*

Revolução: Quer dizer-nos como encara o ter de abandonar as suas terras e seu lar a curto prazo?

Sr. Júlio dos Santos - *Muito mal - os problemas são tão complicados e de difícil resolução que já há muito tempo que deixei de ser a pessoa que era. Não posso lembrar-me que me tirem aquilo que é meu e me deem aquilo que bem entendem.*

Revolução: O sr. é dos poucos que ainda não acordou, se bem que já tenha sido ameaçado não é verdade?

J.S. - *Sim, já fui ameaçado com os tribunais, mas aquilo que é meu só o levarão à violência ou me dão aquilo que eu entendo que é justo.*

Revolução: Pode descrever-nos os seus bens e qual a importância que lhe atribuíram?

J.S. - *Tenho uma casa de habitação em bellissimo estado de conservação com r-c e 1.º andar. R.C. - uma ampla loja cimentada, um quarto e outra divisão*

*assalhados, uma dispensa cimentada, um largo com dois tanques taém cimentados; - 1.º andar - três bons quartos uma sala cozinha e marquise; - anexos - uma casa que tem garagem e quatro currais.*

Revolução: Quanto pensa que valem a sua casa e as suas terras?

Sr. Júlio - *Não me interessa o dinheiro. Espero uma casa igual a esta com as comodidades que esta tem e terras mesmo em menor quantidade, mas, desde que possa viver como dan tes. Tudo o que aqui se aborda, já foi por várias vezes exposto a quem de direito.*

O Regente Agrícola (Sr. Barreto) é o chefe de tudo isto. Não lhe reconhecemos competência para avaliar aquilo que não lhe pertence. Serve-se da lei para reprimir aqueles que durante toda a vida trabalharam, para de um momento para outro ficarem sem nada, tentando reduzir à miséria todos os habitantes das áreas que virão a estar submersas.

Revolução: Já nomearam uma Comissão para defender os vossos interesses?

Sr. Júlio - *Já tentamos fazê-lo mas como a maior parte trabalha na empresa isso torna-se impossível.*

(Entrevista realizada pelo Núcleo do jornal "Revolução" de Mangualde)

## A INSURREIÇÃO OPERÁRIA DO 18 DE JANEIRO DE 1934

Continuação pág. 8

do vapor para a ilegalização dos sindicatos. "É assim que os militantes sindicais se entregam à preparação do movimento grevista e insurrecional, "mandando ao diabo a questão das Assembleias e das formas de protesto público de massas contra as medidas eminentes."(2)

### O QUE SE PASSOU NO 18 DE JANEIRO

Ainda que os acontecimentos do 18 de Janeiro de 1934 tenham tido como terreno principal a Marinha Grande, a verdade é que se sucederam também actos insurreccionais em múltiplos locais. Descarrilamento de comboios, cortes de linhas telefónicas, explosões de bombas em centrais eléctricas, sabotagens na fábrica de material de guerra, greves dispersas, assaltos com bombas e tiros a esquadras da polícia, um pouco de tudo isto houve fora da Marinha Grande, nos mais diferentes locais do país.

Já na Marinha Grande, o carácter especial que o movimento assumiu deve-se a toda a experiência de tradição de luta dos operários e da população em geral, e à experiência de quadros e militantes revolucionários que, ul-

trapassando a experiência sindical, se propunham levar avante um movimento de luta armada.

Surge deste modo um Comité Revolucionário (como militantes da secção regional do PC, da CGT e outras estruturas) que, entre outras tarefas, define os seguintes objectivos:

- Armar a população.
- Cortar os meios de comunicação mais importantes.

(Entradas, caminhos de ferro, telefones).

- Ataque e tomada dos postos da GNR e dos Correios.

- Generalizar o movimento a toda a população.

- Assegurar a tomada do poder e a continuação da luta.

Destes objectivos só os três primeiros foram bem conseguidos.

Do já referido relatório de José Gregório, destacamos: "Para que os operários pudessem alcançar a satisfação das suas aspirações precisavam de se apoderar das armas que estavam na posse duma força da GNR (...); Saíram 5 brigadas, de 5 operários cada, para o assalto ao edifício dos correios. Duas para a interrupção da via férrea e várias outras para cortar as árvores que obstruíam as estradas (...); outras brigadas saíram igualmente para cortar as linhas telefónicas. No assalto ao posto da

GNR as brigadas eram abastecidas de munições..."

Deste modo e tal como tinha sido determinado, à uma hora da noite, quando toda a vila estava no mais completo silêncio, e a seguir a um tiro disparado todas as brigadas começaram a actuar. Viveram-se, a partir desse momento, horas de emoção que não nos é possível descrever com realismo, a intensidade e alegria que as caracterizava. Pode-se dizer que esta noite foi para os membros do Partido e outros operários, o seu maior baptismo de fogo, até porque se aguardava a resistência e o fogo da GNR. Pela primeira vez, os operários se sentiam donos da terra que criaram e tinha sido o seu berço.

(...) A GNR foi de tal modo surpreendida e batida (...) que não deu sequer um tiro. (...) Nos correios fácil foi penetrar e tomar conta da rede de ligações. O chefe, Manuel Leal, conhecido pelo ódio que tinha ao operariado não teve mais remédio que pôr-se ao serviço deste e ensinar à brigada o modo de proceder (...).

Imediatamente os operários apoderaram-se de armas e munições e com elas foram formadas novas brigadas para ref orçar a defesa das estradas da vila. Após a tomada do posto e das armas, a alegria foi indescrevível da parte dos operários

que desempenharam esta missão... Os vivos repetiam-se e os seus ecos atroavam como em dias de grande festa popular. Deram-se vivas à classe operária, ao povo, à Marinha Grande, aos trabalhadores que por todo o país estavam lutando (...)"

Porém, logo às primeiras horas da manhã do dia 18, "o Comité estava reunido e dispunha-se a tomar as resoluções correspondentes à nova situação, quando soaram as primeiras rajadas de metralhadoras das forças repressivas vindas de Leiria (...).

A força armada e ao terror que logo começou a campear não foi possível opor qualquer resistência. Os operários abandonaram a vila refugiando-se em suas casas e nos pinhais na esperança de ainda voltarem à luta. (...) Tinham sido presos (...) dezenas de operários da terra; as tropas a cavalo, batiam as casas e o pinhal à procura dos operários em especial dos mais responsáveis; a vila estava ocupada militarmente reinando as prisões a

esmo, os espantamentos, isto é, o mais desenfreado terror até porque o inimigo receava um contra-ataque, tinha medo da classe operária e do povo indomável da Marinha."

Deste modo terminam os acontecimentos do 18 de Janeiro de 1934.

Há que salientar este feito heróico da classe operária portuguesa bem como a valentia dos operários vidreiros da Marinha Grande, que escreveram uma brilhante página da luta dos trabalhadores portugueses, apesar de todo o carácter espontaneísta, desorganizado e mesmo aventureirista que caracterizou esta insurreição.

Das consequências que estes acontecimentos tiveram no movimento operário português e dos respectivos ensinamentos, falaremos no próximo número.

(1) e (2) - Bento Gonçalves. Duas Palavras.





# ETIÓPIA

O facto dos acontecimentos da Etiópia terem sucedido durante os mesmos meses que as trans-

derrubaram-se valores ancestrais e o país descomprimiu-se. Manifestações e greves foram uma das

poder têm ligações com os americanos. Outros, paradoxalmente, dizem que o golpe de Novembro foi de inspiração chinesa. Outros ainda dizem que se formará um novo Senegal, portanto um regime de independência africana moderadíssimo.

Apesar das reformas anunciadas, sobretudo a agrária, os grandes passos decisivos na alteração das estruturas ainda não foram dados.

## O FUTURO DA ETIÓPIA

Uma onda revolucionária atravessa a Etiópia. Um país sujeito a um grande atraso é sacudido pelas explosões dos explorados e pelas contradições dos exploradores.

Qual é a revolução que se faz num país como a Etiópia? Este é um país com uma pequeníssima percentagem de operários e em que o principal do país é agrário. A exploração da terra era de tipo feudal e pertencia em 15% ao Governo Imperial (propriedade do Negus), 25% do Governo (pertença dos ministros), 20% da Igreja e 20% da aristocracia.

O salto dar-se-á no sentido duma forma de produção capitalista ou socialista. Mais uma vez se põe o problema — será possível, num país atrasado, com uma pequena classe operária, com pouco desenvolvimento das forças produtivas, com grande percentagem de analfabetos, fazer a revolução socialista? O problema põe-se de novo como noutros lugares. Aí não é possível à grande massa dos trabalhadores, atrasados e analfabetos, tomarem realmente nas suas mãos o seu destino. Aí não se pode passar a revolução pensada por Marx e por Lenine. Aí será possível apenas o capitalismo de Estado, administrado por um extracto social mais evoluído, que será a camada burocrático-administrativa. Mas talvez seja a única saída. Porque só a nacionalização poderá fazer sair desse mesmo atraso as grandes massas.

E antes capitalismo de Estado sem fome, do que feudalismo com fome.

Bem diferente afinal de tudo quanto se pode passar em Portugal.



formações em Portugal tem levado muita gente a estabelecer um paralelo. Esta comparação é tentadora, porque há de facto alguns dados comuns; mas todo o enquadramento económico-social é bem diferente. Isso não impede, no entanto, que observadores e cronistas internacionais vão buscar questões portuguesas para falar da Etiópia e vice-versa.

Mas, tal como a situação portuguesa é difícil de compreender para os estrangeiros, sendo raros aqueles que conseguem situar os problemas, assim pensamos que se deve ser prudente na avaliação do país como a Etiópia. E isto porque a imprensa internacional, os grandes meios, a informação e a cultura burguesas só se lembram de países como Portugal e a Etiópia nos momentos em que estalam todas as contradições e em que saltam aos olhos de todos as labaredas que há muito os seus próprios habitantes viam crepitar. Então a informação, dominada pelos países de economia opressora, passa a dar importância a países, onde lhe cheira que algo pode mudar que afecte a estratégia mundial.

Sabemos portanto pouco sobre a Etiópia. Qual a orientação exacta dos oficiais do Comité? Qual a influência dos americanos nos actuais órgãos do poder? Qual a sua exacta posição em relação à Eritreia? As mais diferentes posições têm sido tomadas pelos órgãos de informação portugueses; parece-nos que a melhor posição será a prudência. Mas entretanto adelantaremos alguns dados que nos parecem concretos.

## O QUE MUDOU COM O 26 DE FEVEREIRO DE 1974

Com a queda de Haile Selassie,

consequências desta descompressão; mas estas manifestações e greves punham o problema fundamental — nada tinha mudado sob ponto de vista económico-social. A queda do Imperador, por si só, não acabou com a fome que mata milhares de cidadãos. A exploração da terra, que, na quase totalidade de território, é feudal, mantém-se.

O Comité militar e o Governo militar começaram a reprimir greves e manifestações, em alguns casos de forma brutal. Eram presos dirigentes sindicais e circulava uma lista de 120 revolucionários que iam ser executados. A "revolução pacífica" da Etiópia não era revolução.

## 23 DE NOVEMBRO

Com o agravamento da situação económico-social, com o aumento da repressão, com o aumento de contradições ao nível do poder político, a Etiópia encontrava-se em estado de inquietação no início de Novembro, prevenindo-se alterações dum momento para o outro. No dia 23 de Novembro uma parte do D.E.R.G. (comité militar) toma a iniciativa de instaurar um novo poder e executa 29 civis, 28 militares (entre eles 18 generais), dois membros do próprio D.E.R.G. e o Chefe do Governo Provisório Militar, Aman Andom. Assim terminavam as ambiguidades dos militares que julgavam poder enganar a situação.

## INTERROGAÇÕES HOJE

Os americanos ficaram sobressaltados com esta nova face da Etiópia e cessaram o auxílio. No entanto há ainda quem diga na Etiópia que os actuais militares no

# CABO VERDE

## SACOFIL — Trabalhadores tomam medidas contra patrões colonialistas

Enquanto nos gabinetes decorrem conversações, enquanto toma posse o governo de transição de Cabo Verde, enquanto a reacção vai tentando as suas últimas jogadas, enquanto as forças armadas de Cabo Verde tomam uma posição clara de apoio ao PAIGC, os trabalhadores de Cabo Verde vão tomando medidas complementares mas decisivas contra os patrões colonialistas que ainda por lá andam.

Na empresa agrícola Sacofil os trabalhadores reunidos em assembleia e, depois de analisarem a situação da empresa e terem constatado que ela não é mais do que o fruto da exploração violenta do seu trabalho ao longo dos anos decidiram:

1.º - Assumir em nome dos trabalhadores e do povo caboverdiano a gestão da empresa.

2.º - Nomear uma comissão de gestão para assegurar a administração da empresa e a comercialização dos produtos.

3.º - Inventariar todos os bens da empresa.

4.º - Não reconhecer a competência de qualquer entidade colonial na solução do diferendo aberto entre o povo caboverdiano e o senhor engenheiro Almeida Henriques.

Essa competência só será reconhecida aos órgãos do Estado Independente de Cabo Verde.

5.º - Solicitar o apoio do PAIGC e de todos os patriotas caboverdianos à sua justa luta pela

defesa do património nacional.

As decisões tomadas não foram sem a denuncia enérgica das actividades do referido engenheiro Almeida Henriques que, além de ter beneficiado de facilidades por parte das autoridades coloniais para fazer transferências para Portugal de avultadas somas pertencentes ao povo caboverdiano; de ter ocupado de forma violenta os terrenos onde está instalada a empresa com violação flagrante das tradições de arrendamento; de ter recusado o aproveitamento de áreas de regadio apesar de todos os pedidos feitos nesse sentido pelos trabalhadores; de ter sempre demonstrado o maior desprezo pelos interesses mais elementares dos trabalhadores, recorreram à Pide-DGS para reprimir, aterraprizar e, consequentemente, aumentar a exploração dos trabalhadores da Sacofil.

Mas a situação vai-se modificando. Por um lado o PAIGC em luta pela independência de Cabo Verde, por outro, e complementarmente, os trabalhadores caboverdianos em luta pela sua independência e a do seu país contra as tentativas neo-colonialistas, contra os colonialistas que ainda manobram no sentido de manter os seus privilégios.

Em Cabo Verde, trabalhadores caboverdianos, PAIGC e seus aliados continuam a luta até à independência nacional.



"Mas a situação vai-se modificando..."

## SOLDADO PARA ONDE VAIS?

Continuação pag. 3

A incorporação de jovens trabalhadores no exército, impõe hoje, nas condições históricas em que vivemos, a incorporação das F.A. na classe operária submetendo-se ao seu comando, sob pena de negação do próprio M.F.A.

Impõe-se hoje que a parte da classe operária que se en contra no exército seja apoiada nas suas lutas pelos elementos progressistas das F.A. e por todos os trabalhadores.

Impõe-se desde já que os soldados sejam informados do que se passa nas F.A. desde os Conselhos das Regiões Militares até à Assembleia Geral do M.F.A.

Impõe-se também que largos

debates políticos se façam nos quartéis em vez de secções de esclarecimento mais ou menos culturais.

Há que reconhecer aos soldados o direito de reunião e de participação nas eleições de delegados para os órgãos de decisão do M.F.A.

A organização política no seio das F.A. é hoje uma necessidade histórica a que ninguém se poderá opor.

Reprimir hoje as lutas dos soldados e o seu esforço organizativo dentro dos quartéis é uma atitude reaccionária pois são eles a grande força que será capaz de se opor à contra revolução.



# Revolução

## A INSURREIÇÃO OPERÁRIA DO 18 DE JANEIRO

### A SITUAÇÃO HISTÓRICA

A insurreição operária de 18 de Janeiro de 1934 na Marinha Grande, com a tentativa de instauração (mau grado todas as suas deficiências) do primeiro e único soviético até hoje existente em Portugal, tem como causa próxima a promulgação, em 23 de Setembro de 1933, do decreto 23 050, através do qual se cria o Estatuto do Trabalho Nacional, os Sindicatos Nacionais, Grémios e Corporações. Com esta lei estabelecia-se que os sindicatos livres seriam encerrados (como de facto o foram até 31-12-33) e que os seus bens reverteriam para os Sindicatos Nacionais.

Esta extensão do fascismo às organizações legais do proletariado português surge num contexto nacional e internacional que importa referir nos seus traços mais salientes.

Assim em Portugal, em Julho de 32, Salazar, até então Ministro das Finanças, toma a chefia do Governo e dá um novo e forte impulso à ditadura fascista, contra o movimento operário: surgem o "plebiscito" da nova Constituição (todas as abstenções são contadas como votos a favor) e o acima referido E.T.N., cópia da "carta de lavoro" (carta de trabalho) da Itália fascista de Mussolini.

Internacionalmente, 1933 é o ano em que o nazismo se instala na Alemanha. A partir de agora o fascismo deixara de ser um fenómeno especificamente italiano

(onde estava no poder desde 1922), e esta nova forma de poder político da extrema direita funcionava "como um novo balão de oxigénio para o capitalismo mundial" que "teve as suas repercussões imediatas em Portugal" (1). Foi pois através da política fascista que o poder capitalista, em estado de franca convalescença do colapso económico de 1929, se manteve e consolidou em três países europeus (Itália, Portugal e Alemanha) e, mais tarde, (a partir de 39) também em Espanha. Tudo isto foi conseguido à custa da supressão das mais elementares liberdades individuais, dum fortíssima repressão e exploração sobre os trabalhadores, e também porque não existiam partidos operários revolucionários.

É, pois, neste contexto que surge o 18 de Janeiro; e apesar da classe operária ser numericamente muito baixa em relação à totalidade da população activa, ela sente bem a necessidade de lutar contra a fascização dos sindicatos e contra o E.T.N. É quanto a esta forma de luta que se desenham duas posições distintas: a do P.C. e a da C.G.T.

### A SITUAÇÃO DO PCP E DA CGT, E RESPECTIVAS PERSPECTIVAS PARA A LUTA

A situação da CGT — Esta organização anarco-sindicalista vinha perdendo forças pouco a pouco, não tendo de algum modo em Portugal influência e im-

plantação semelhantes à que os anarquistas tinham, neste momento, em Espanha. Contudo, como mais abaixo se diz, embora esta organização tivesse nesta altura cerca de 15 000 operários, sendo assim em número a segunda organização sindical, parece fora de dúvida que ainda largos sectores eram sensíveis e permeáveis à ideias da CGT, incluindo aqui militantes do PC.

A situação do P.C.P. — O PC não tinha ainda a forte organização e implantação que veio mais tarde a conseguir (a partir de 1940 com a reorganização) e não se pode dizer, que também então, fosse um partido revolucionário. José Gregório, Presidente do Sindicato Nacional da Indústria Vidreira, militante do PC e mais tarde membro do Secretariado, foi um dos organizadores do 18 de Janeiro. Vejamos o que ele nos diz no relatório sobre o 18 de Janeiro escrito em 1955, em relação à situação em que se encontrava então o Partido.

"Na prática não havia mais do que um núcleo de camaradas a que se podia dar o nome de organização local. Nas fábricas não havia organismos. Por outro lado o contacto com a Direcção do Partido fazia-se muito raramente. Nestas condições os camaradas do Partido não reuniam numa base de Partido, não se sentiam obrigados a prestar-lhe conta da sua acção. Por outro lado não era utilizada a crítica nem auto-crítica. Criou-se o hábito de ver as coisas não só sob o ponto de vista do Partido, mas sim, na base individual... Tudo isto contribuiu para que não fossem recrutados para o Partido bons operários de vanguarda (...)"

Estes dados sobre a situação em que se encontrava o PC, situação que muito tinha a ver com o modo como se fundara o Partido, e com a qualidade de militante que compunham, ajudam-nos a perceber porque motivo, apesar da CGT e o PCP defenderem posições diferentes, alguns militantes deste último alinharam na posição defendida pela CGT.

O que defende o PCP — É proposta a união de todas as forças da classe operária para a luta contra o ETN, através "da utilização das condições legais". Assim, "os sindicatos ainda se regiam pelos velhos alvarás. Era

## EDITORIAL

O país tem vivido momentos políticos que não podem deixar de se relacionar com as contradições do poder político. O Programa Económico-Social de Transição foi e veio do Governo para o Conselho dos Vinte, do Conselho dos Vinte para a Comissão Coordenadora do MFA, da C.C. para a assembleia plenária do MFA e acabou por se acate com algumas propostas de alterações. Assim se fechou o ciclo em que as interrogações se centravam, à direita e à esquerda, sobre a possibilidade de serem aprovadas medidas de carácter radical sob ponto de vista económico, que pudessem acarretar contradições irreversíveis. A exploração dessas contradições parecia ser uma tática possível, a par do desenvolvimento da organização e da luta de massas. Mas a cedência, a contemporização e a "unidade" parecem ter triunfado na assembleia dos oficiais do MFA. O triunfo dessa linha moderada e contemporizadora não ilude, no entanto, uma realidade - a definição dum linha nitidamente de direita e dum linha nitidamente de esquerda, que em particular para as grandes massas dos trabalhadores, não deixam de pesar grandemente no futuro próximo deste país. A uns agrada usar a força no sentido dum endurecimento do poder (com Spínola, Galvão de Melo e outros) para que se mantivesse estável e indiscutível o poder económico da burguesia. Aos outros agrada uma mudança radical da estrutura económico-social, o estabelecimento dum forma de produção socialista e (talvez) a passagem do poder para as mãos dos trabalhadores. Uns e outros não têm nada a fazer juntos, apesar dos apelos à unidade. Unidade de quê para quê? No meio destas posições radicais situam-se os "do meio", os moderados, os conciliadores. Procurando conciliar classes. Não rompem com o capitalismo, mas esperam refreá-lo advertendo-o em dias alternados. Não optando por uma solução definida, optam pelo capitalismo. E optam também pela degradação económica, neste país de economia dependente, sem condições para rasgos sociais-democratas.

O poder político, dividido entre o extremo PPD (que vê com espanto e indignação elementos da sua classe ser presos) e o extremo P.C., que não se queima, mas manda emissários (Intersindical, MDP, MES) tomar posições radicais, volta a estabilizar. Todos aceitam o Plano conciliador. O PPD fechará momentaneamente as garras, o P.C. faz de conta que os comícios, as reivindicações de "nacionalizações" e o resto não ao sa nada com ele (e um dia destes serão chamados de "aventureiros" e "esquerdistas" os que falam em socialismo...). O poder estabiliza de momento. Só não estabiliza a economia. As lutas de massas serão a consequência saudável do agravamento da crise; desta vez é pelo Norte que elas começam - textéis, pescadores de Matosinhos e outros.

Das lutas de massas, da organização autónoma dos trabalhadores e da organização partidária nascerá a força capaz de criar um novo poder político para a instauração dum novo poder económico. E quanto maior for essa força mais terreno conquistará o proletariado no confronto que terá de haver. Quanto mais organizado estiver o proletariado, autonomamente e de base, mais estruturado e capaz será o novo poder. Quanto mais firme for a organização partidária mais possibilidades haverá dum tática justa e dum triunfo real.

Aproximam-se os dias em que os trabalhadores e a sua organização terão de pesar forças e escolher aliados. Só a Revolução Socialista poderá fazer sair da miséria este país.

portanto necessário lutar sobre esta base. Convocar reuniões de Assembleias Gerais com o fim de levar os trabalhadores a votar contra o ETN. O que era preciso era patentear bem altamente (...) que os trabalhadores estavam contra a fascização dos seus sindicatos." "só sobre (...) a realização de Assembleias Gerais é que poderia falar-se de vontade dos tra-

balhadores portugueses (...) nos meios alheios à CGT estas Assembleias efectuaram-se de um modo geral".

O que defende a CGT — É defendida a greve geral revolucionária, o que no dizer do Secretário Geral do PCP, Bento Gonçalves, consistia na "marcha a

## Assinatura

Queiram considerar-me assinante na modalidade abaixo assinalada:

NOME .....  
MORADA .....  
LOCALIDADE .....  
PROFISSÃO .....

ASSINATURA: Semestral — 60400   
Anual — 120900

PAGAMENTO: Em cheque   
Em Vale

APARTADO 4117-LIS.-4